Lacan se dirige aos bacharéis: uma atualização da crítica ao bacharelado em psicanálise

Nathan Barbosa

Resumo

Utilizando-se do texto de apresentação da revista *Scilicet*, escrito por Lacan, o presente artigo explora a crítica do autor ao modelo de formação da International Psychoanalytical Association (IPA). Por entender que sua objeção a esse modelo implica o cerne de uma estrutura de formação psicanalítica que, na contemporaneidade, tem como agente as instituições de ensino superior, articula-se um jogo de palavras — *bachelier* e *bachelor* —, que permite uma oposição, amparada pela história do movimento psicanalítico, à investida das referidas instituições na regulamentação do curso de bacharelado em psicanálise.

Palavras-chave:

Formação psicanalítica; Bacharelado; *Scilicet*.

Lacan addresses graduates: an update on the critique of the bachelor's degree in psychoanalysis

Abstract

Using the introductory text of the *Scilicet* magazine, written by Lacan, this article explores the author's critique of the model of training proposed by the International Psychoanalytical Association (IPA). By understanding that his objection to this model touches the heart of a structure that, in contemporary times, is represented by higher education institutions, the article articulates a wordplay—bachelier and bachelor—which allows for an opposition, supported by the history of the psychoanalytic movement, to the attempt by these institutions to regulate the bachelor's course in psychoanalysis.

Keywords:

Formation psychoanalytic; Bachelor's degree; *Scilicet*.

Lacan se dirige a los licenciados: una actualización sobre la crítica de la licenciatura en psicoanálisis

Resumen

Utilizando el texto de presentación de la revista *Scilicet*, escrito por Lacan, este artículo explora la crítica del autor al modelo de formación de la International Psychoanalytical Association (IPA). Al entender que su objeción a este modelo implica el núcleo de una estructura que, en la actualidad, tiene como agente a las instituciones de educación superior, se articula un juego de palabras — *bachelier* y *bachelor* — que permite una oposición, respaldada por la historia del movimiento psicoanalítico, a la intervención de dichas instituciones en la regulación del curso de licenciatura en psicoanálisis.

Palabras clave:

Formación psicoanalítica; Licenciatura; *Scilicet*.

Lacan s'adresse aux diplômés : une mise à jour de la critique du diplôme de licence en psychanalyse

Résumé

En utilisant le texte de présentation de la revue *Scilicet*, écrit par Lacan, cet article explore la critique de l'auteur concernant le modèle de formation de l'International Psychoanalytical Association (IPA). En comprenant que son objection à ce modèle touche le cœur d'une structure qui, à l'époque contemporaine, a comme agent les institutions d'enseignement supérieur, un jeu de mots — *bachelier* et *bachelor* — est articulé, permettant une opposition, soutenue par l'histoire du mouvement psychanalytique, à la tentative de ces institutions de réglementer le cursus de licence en psychanalys.

Mots-clés :

Formation psychanalytique ; licence ; *Scilicet*.

Introdução

O ano era 1968, e a Escola Freudiana de Paris iniciava a publicação da revista *Scilicet*. Para além da transmissão da psicanálise por meio de seu conteúdo, tratava-se de um ato ético-político, que tecia críticas à International Psychoanalytical Association (IPA) em diversas frentes, das quais se destacam duas. A primeira se

refere ao fato de os textos enviados por psicanalistas não terem a assinatura de nenhum de seus autores. O sumário dessa revista apresenta apenas os títulos dos trabalhos. A segunda frente de destaque se dá pela crítica contundente ao modelo de formação dos analistas pela IPA, ao qual Lacan se serve de duas palavras, que conversam diretamente com o tempo de nossa formação: *bachelor* e *bachelier*.

O posicionamento de Lacan servirá a uma articulação crítica ao movimento que atualmente deseja regulamentar um bacharelado em psicanálise nas instituições de ensino superior no Brasil, entendendo que a objeção a esse modelo de formação dos analistas persiste, na contemporaneidade, sob a mesma estrutura advertida por Lacan, mas com novos agentes. Por isso, torna-se imperativo contextualizar esse novo agente e seu papel no marco histórico que foi a audiência pública acerca da formação dos psicanalistas na Câmara dos Deputados no ano 2025.

Considerando que esses dois destaques se relacionam intimamente para o propósito da presente análise, ambos serão devidamente esmiuçados para anunciar uma interpretação à "Introdução de *Scilicet* no título da revista da Escola Freudiana de Paris" (Lacan, 1968/2003), texto inaugural escrito por Lacan, a fim de estabelecer a revista como um instrumento revolucionário que incidiria sobre as relações de poder na Escola, tanto sobre o poder relativo ao discurso cientificista quanto sobre aquele proveniente do narcisismo das pequenas diferenças entre seus membros.

A audiência pública sobre a formação de psicanalistas

As investidas das instituições privadas para um curso de bacharelado não são recentes, mas destaca-se o momento em que o debate se estabeleceu de forma mais intensa. Em setembro de 2025, a Câmara dos Deputados convocou uma audiência pública com o tema em epígrafe. Esse foi um espaço de amplo debate, para coletar subsídios de informações e argumentos de ambos os lados interessados.

Havia a presença do Conselho Federal de Psicologia, de entidades médicas, instituições de ensino superior e outras, entre as quais se destaca o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas do Brasil. Trata-se de um movimento iniciado no ano 2000, no esteio de uma tentativa de regulamentação da psicanálise por meio de um projeto de lei proposto pela bancada evangélica da Câmara Federal. Contrário a essa iniciativa, o Movimento Articulação reuniu diversas instituições psicanalíticas para propor um projeto ético de defesa da formação em psicanálise (Soares & Quadros, 2018).

Novamente essa frente foi necessária em 2025, momento que enviou representantes das 27 instituições congregadas por todo o país. Dessa vez, o movimento colocou-se contrário às iniciativas que visavam ao reconhecimento de um curso de "bacharelado em psicanálise", curso esse que atualmente opera como um curso experimental junto ao Ministério da Educação (MEC). Conforme exposto pelo

representante do MEC, Daniel Ximenes, o registro de graduações experimentais cresceu exponencialmente nos últimos anos. Um curso experimental é uma condição embrionária anterior à sua inclusão no catálogo de cursos passíveis de autorização pelo MEC. Dessa forma, aguarda o processo de inclusão nesse catálogo para posterior reconhecimento da qualidade na oferta desse curso por alguma instituição de ensino superior (Ximenes, 2025). Considerando que a primeira turma do referido curso de "bacharelado em psicanálise" iniciou em 2022, estaria se formando em um futuro próximo, sob a promessa de reconhecimento do MEC.

Soma-se ao debate o fato de que o crescimento dos pedidos para cursos experimentais junto ao MEC acompanhou a regulamentação do ensino a distância. Após o ano 2018, foram criados 2.183 cursos nessa modalidade, e 84% deles são oferecidos por instituições privadas, entre as quais 58% tinham fins lucrativos, conforme matéria publicada pela *Folha de S.Paulo* (Reis, 2025). O curso mais comum é o de *marketing* digital, além de outros relacionados à tecnologia.

A favor do "bacharelado em psicanálise", fez-se presente o vice-reitor da primeira instituição a propor um curso desse tipo no Brasil, Jorge Luiz Bernardi, bem como a coordenadora desse curso na instituição. Um terceiro posicionamento foi apresentado pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), que defendeu a exclusividade da psicanálise para psicólogos e psiquiatras.

Durante a audiência, os argumentos foram expostos. A favor do bacharelado, o referido vice-reitor argumentou que o ensino da psicanálise na universidade não deve estar subordinado a outra ciência, sendo esse um posicionamento contrário à psicanálise como disciplina em outras graduações. Em sua fundamentação, recorreu a uma advertência de Freud, na qual ele afirma que a psicanálise deve ser protegida, e não reduzida a disciplinas da medicina e da religião. Tal argumento, no entanto, apresenta uma questão. Isso porque a presença da psicanálise em outras graduações não representa uma subordinação, mas o compromisso por uma psicanálise leiga, isto é, garantindo que a formação não esteja restrita a uma graduação de ensino superior específica. Não obstante, defendeu que o bacharelado ofertado não se trata de um curso habilitante. Isso nega, por desconhecimento ou perfídia, o fato de que um bacharelado tem, por condição inerente, a certificação de que o formado tem a qualificação necessária para o exercício de uma profissão. Quem não tem essa certificação, portanto, não está qualificado para esse exercício.

Outra questão no argumento do reitor apareceu quando ele afirmou que não existe promessa de uma atuação clínica após o tempo de formação do curso. No entanto, a descrição da atuação no encarte promocional da instituição informa a possibilidade de trabalhar "na promoção, prevenção, assistência e reabilitação da saúde mental em ações autônomas individuais" (Uninter, s.d.). Um malabarismo retórico, que trata de forma ambígua a possibilidade de atuação clínica.

Christian Dunker, psicanalista membro do Movimento Articulação e representante do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP), por sua vez, lembrou que a atual formação leiga pressupõe a necessidade de um curso universitário anterior, reforçando que não se trata de uma atividade que dispensa uma formação de ensino superior. Essa formação, no entanto, não é específica, pois há uma diversidade de origem. A psicanálise, portanto, está contemplada nas formas universitárias pelas pós-graduações, cursos livres e disciplinas específicas em diversas graduações. Dessa forma, mantém-se a psicanálise presente na universidade sem o modo habilitante característico da graduação (Dunker, 2025).

Quatro meses depois dessa audiência pública, o MEC publicou a Portaria Seres/MEC nº 3/2026 (Brasil, 2026). Com esse ato administrativo normativo, as denominações dos cursos de "bacharelado em psicanálise" oferecidos por 13 instituições de ensino superior no Brasil devem ser alteradas. Agora, tais cursos devem denominar-se "estudos teóricos psicanalíticos e sociais (bacharelado)".

Tal mudança pode ser analisada de muitas formas, das quais se destaca uma. A nova denominação resolve parcialmente o problema da promessa de habilitação para a prática clínica da psicanálise. Isso porque seus termos "estudos teóricos" e "sociais" imprimem com mais exatidão que a oferta do ensino se dá no nível teórico, e não clínico, além de incluí-lo no escopo das ciências sociais, e não da saúde. Como consequência dessa mudança, já se percebe que o discurso em torno do bacharelado se modificou. Onde antes pairava a ambiguidade sobre a possibilidade de atuação na clínica psicanalítica, agora a descrição da atuação profissional nos *sites* das principais instituições, como a Uninter e o Grupo Cruzeiro do Sul, ressalta que a atuação clínica passa pela formação no tripé análise, teoria e supervisão. Dessa forma, a sustentação desse discurso no cotidiano da graduação dos alunos pode ser uma medida possível para evitar uma habilitação clínica pautada pelo ato jurídico do diploma.

Diante desse pequeno recorte da audiência pública e seu desdobramento, torna-se imperativo retornar à história do movimento psicanalítico para conferir em memória a soma de experiências que nos servem. Entre as inúmeras rupturas, cisões e expulsões, como a de Lacan e a IPA, dá-se luz a um capítulo importante dessa história, relembrando a intenção revolucionária da *Scilicet*.

O princípio do texto não assinado

O princípio do texto não assinado já estava presente na comunidade acadêmica, porém destaca-se o nome de Nicolas Bourbaki, pseudônimo criado por um grupo de matemáticos na École Normale Supérieure (ENS) de Paris em 1934, cujo auge se deu na mesma época em que Lacan ministrou seus seminários na instituição, um período posterior ao rompimento com a IPA.

Bourbaki surge da insatisfação com o ensino da matemática, sobretudo com a bibliografia utilizada no curso, bem como com a existência de um circuito em que, ao término, o recém-formado era reconduzido a transmitir estritamente o que lhe fora ensinado. Tal circuito estabelecido na ENS, portanto, restringia a prática de trabalho dos novos matemáticos e, em certa medida, qualquer originalidade em suas produções. É por essa insatisfação que um grupo de jovens matemáticos escreve um tratado de análise matemática cuja primeira publicação, em 1939, é um resumo da teoria dos conjuntos (Pires, 2006).

Apenas com essas poucas palavras já se percebe que a influência de Bourbaki sobre Lacan vai além da *Scilicet*. A matemática presente na obra lacaniana tem muitos pontos em comum com os temas tratados pelo grupo, que também dissertou sobre topologia e álgebra. O funcionamento do grupo, por sua vez, tinha o objetivo de subverter o modo operante testemunhado por seus integrantes no mundo acadêmico. A principal regra era a ausência de hierarquia, uma alternativa ao domínio institucional do saber exercido pelos professores catedráticos. Esse incômodo se expressava, inclusive, em detalhes como a retirada compulsória quando um integrante atingia os 50 anos de idade, justificada pela necessidade de garantir um espírito jovial ao grupo.

Bourbaki, no entanto, precisava ter passabilidade em um ambiente acadêmico dominado por figuras com signos da experiência. Por isso, sua carta de apresentação o descrevia como um *ancien professeur* da *Université Royale de Besse-en-Poldévie*, cujo enredo ressaltava justamente uma longa trajetória. O sistema de valoração desses signos de experiência também justificava a ausência de assinatura dos professores mais jovens, entre outros motivos. Fato é que a criação desse personagem causou uma transformação curricular, que excedeu sua própria disciplina, rompendo diversos paradigmas da universidade e sendo um modelo de subversão para além dos muros da ENS (Pires, 2006).

Esses serão os pontos de maior influência para a *Scilicet*, que, nas palavras de Lacan, é preciso distinguir de um trabalho anônimo. Não se trata de anonimato, o que implica ausência de identidade. A identidade está ali impressa sob o nome próprio de Lacan, a quem o grupo diz ser irremovível do programa. O cerne da questão, no entanto, perfaz a decisão intencional de desvincular texto e autor, de forma que o ato passa a servir à causa de sua Escola. Lacan diz:

> Que Shakespeare tenha interpretado o *ghost* em Hamlet é talvez o único fato de natureza capaz de refutar a afirmação de Borges: que Shakespeare foi, como ele diz, ninguém (*nobody, niemand*). Para que a psicanálise, por outro lado, volte a ser o que nunca deixou de ser: uma arte que ainda está por vir, é importante que se saiba que eu não interpreto o *ghost*, e, para isso, eu assino. (Lacan, 1968, p. 9, tradução nossa)

A referência de Borges lembra a possibilidade de Shakespeare ser uma construção mítico-literária, sem identidade fixa, ao passo que Lacan subverte essa afirmação, insinuando a possibilidade de Shakespeare ter atuado como o fantasma de seu pai na peça, confrontando a si mesmo diante de seu protagonista Hamlet. Com isso, Lacan faz uma distinção entre a identidade, isto é, seu nome a serviço de um ganho pessoal, e a função simbólica que ele representa para a causa da Escola. Essa causa se propõe manter a psicanálise livre das restrições impostas pelos mesmos dogmas que ocasionaram sua cisão com a IPA. Diferente dessa anedota na qual Shakespeare recorreria ao fantasma para tomar seu lugar como sujeito de desejo, Lacan recusa o fantasma para enfrentar as consequências de suas decisões, assumindo a assinatura.

O princípio da não assinatura serve a outras frentes. Trata-se de uma tentativa de tirar de cena o que Lacan referiu como narcisismo das pequenas diferenças, sob a perspectiva tanto do leitor quanto do escritor. Para o leitor, evita-se a aceitação ou recusa precipitada dos escritos em razão da identificação da autoria. Já para o autor, permite maior liberdade para apresentar propostas originais, ao mesmo tempo que evita o empuxo narcísico no interior da escola, preocupação apensada da seguinte maneira:

> A inspiração [da revista] me veio como a única maneira de desvendar a contorção pela qual, na psicanálise, a experiência se condena a não produzir nada que a possa mudar. O cerne da questão é que, pela própria natureza dessa experiência, quem a relata aos seus colegas não pode estabelecer outro horizonte para a sua escrita senão o de causar uma boa impressão. (Lacan, 1968, p. 5, tradução nossa)

Seus sucessivos alertas não foram capazes de evitar aquilo que, anos depois, o faria dissolver a Escola. Um último ato para demarcar a insistência de uma estrutura que, em nosso tempo, ganha um novo agente: as instituições privadas de ensino superior. O que pode acontecer se a formação de um psicanalista ficar sob um propósito que, além de tomá-lo como cliente, tem uma infraestrutura capaz de ditar os rumos da psicanálise em direção a um monopólio de formação com a chancela do Estado?

Formação: a crítica de Lacan e a nossa

Assim como o momento atual, Lacan testemunhou tentativas de exclusividade na formação de analistas. Durante o processo que culminou na dissolução da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), diversas medidas restritivas a seu ensino foram instituídas, como vetar a presença de alunos da IPA em seus se-

minários, excluí-lo como analista didata, bem como das supervisões e do programa de ensino. Em maio de 1963, Perriet fez anotações sobre a leitura de um relatório da comissão que visava a avaliar a adesão da SFP à IPA. A anotação registrava: "que ele trabalhe em paz, e a seu modo, como simples membro da sociedade" (Porge, 1998, p. 62).

Essa medida enredava uma aposta imprevisível, mas eficaz. Se Lacan permanecesse submetido aos ditames da instituição, ela ficaria blindada da influência do ensino lacaniano. No entanto, Lacan manteve-se fiel à própria transmissão, e, para a IPA se firmar como a principal instituição no reconhecimento de psicanalistas, ela precisaria ser reconhecida como tal pelos próprios analistas. A história nos mostra que a aposta falhou, e o lacanismo permaneceu forte até os dias atuais.

A crítica ao modelo de formação dos analistas da IPA tinha como objetivo refletir, sobretudo, o efeito da hierarquia que reinava — e ainda reina, inclusive nas lacanianas — nas sociedades de psicanálise. Assim como testemunhado pelo grupo Bourbaki, a hierarquia estabelecia um domínio de saber restrito àqueles que integravam determinado circuito de reconhecimento filiativo, que perpassava, mas não se restringia, pelos signos da experiência, do *gradus*, do afeto ou quaisquer outros aspectos valorados pelo grupo. Lacan alerta que essa dinâmica implica uma paralisação de qualquer proposta inovadora em nome da supracitada boa impressão junto aos pares.

Quatro anos depois da cisão entre Lacan e a IPA, agora já com sua própria Escola Freudiana de Paris (EFP), ele lança *Scilicet*. A crítica à formação ganha uma nova perspectiva. Por um lado, colocava o trabalho da Escola acessível às demais sociedades, conforme diz em uma entrevista ao *Le Monde* (Higgins, 1968). Nessa entrevista, Lacan afirma que o papel da revista é colocar o trabalho realizado pela Escola ao alcance das demais sociedades. O líder dessa escola, nomenclatura utilizada na revista, ressalta que elas ainda são responsabilidade de todos, ainda que os tenham excluídos.

Por outro lado, direcionava uma mensagem aos novos interessados pela psicanálise, principalmente aqueles sem filiação. Para isso, serviu-se de um jogo de palavras com *bachelier* e *bachelor*. A segunda significa "solteiro", isto é, aquele que não é casado (com uma sociedade psicanalítica), na metáfora de Lacan, que, na mesma entrevista, afirma que o título da revista vem acompanhado da fórmula "*Tu peux savoir ce qu'en pense l'Ecole Freudienne de Paris*" (Você pode saber o que a Escola Freudiana de Paris pensa sobre isso). O "*tu*" assim interpelado, explica Lacan, é o "*bachelier*", não tanto o do ensino secundário, que no entanto começa a querer Lacan, mas o "*bachelor*", no sentido do idioma inglês, ou seja, "aquele que ainda não está casado"… e sobretudo não casado com uma sociedade psicanalítica (Higgins, 1968).

Bachelier, por sua vez, define como verbete aquele que se formou no segundo grau e está em vias de escolher uma profissão. Não obstante, tem, em alguns países francófonos, como Canadá e Bélgica, o significado de graduação de ensino superior, o bacharelado. "Quem se dirigirá ao bacharel/solteiro?", Lacan (1968, p. 4) questiona na introdução de *Scilicet*.

Na medida em que se refere ao futuro analista em formação com a dubiedade dessas palavras, atualiza sua mensagem para nosso tempo e pode falar com os atuais bacharéis em teoria psicanalítica. Trata-se, portanto, de uma advertência para aqueles que pretendem condicionar a formação de um psicanalista a um curso de bacharelado de ensino superior específico.

De um lado, a Escola orientada pela psicanálise lacaniana, que é produto da própria singularidade da formação e por ela rejeita as amarras de um programa de formação padronizado tal qual a IPA. De outro, um conglomerado de sociedades psicanalíticas sob o jugo de uma associação, a IPA, que deseja imprimir, por meio de uma correlação de poder desproporcional, a padronização da formação. Diante disso, o *bachelier* resta como objeto de um jogo de interesses, Lacan adverte. "É por isso que decido te chamar: solteiro/bacharel, para lembrar a sua posição neste império do pedantismo" (Lacan, 1968, p. 4).

O pedante é aquele que não apenas exagera na exibição de seu conhecimento, como tende a encarar os outros de uma posição de superioridade. Saber e verdade são encarnados de tal maneira que apenas ele — ou sua instituição — pode validar a formação de um psicanalista. Essa é a dinâmica que o aspirante estaria assujeitado em qualquer discurso que instrumentaliza a formação.

Essa é uma posição inegociável por diversos motivos, que perpassam um questionamento profundo da dinâmica universitária. Além do problema da habilitação, há engodos relativos ao risco de uma regulamentação jurídica da formação. A regulamentação jurídica opera sob uma lógica autorizativa, precisando assumir uma verdade e instituir um avalista para, no campo educacional, dissertar as bases curriculares e os modelos de formação. A recusa a esses modelos aponta que o processo de formação de um psicanalista não pode ser definido por um terceiro, tampouco por uma lista de afazeres, avaliações, arguições etc.

Os instrumentos que compõem a autorização são aqui contestados por um duplo: por produzirem signos de poder e por assimilarem uma outorga dada por terceiros. A nota, o diploma, a carteirinha, o reconhecimento do MEC são expressões de uma lógica falicizada, que pretende materializar a presença de uma representação que almeja dar garantias. Na psicanálise, a garantia, se houver, não é outorgada por um agente externo a si mesmo ou à própria psicanálise, tampouco materializada por algum desses objetos.

Isso não significa ausência de provas, e a regulamentação difusa entre os pares requer que todo psicanalista dê provas que reflitam no reconhecimento de alguns

de sua rede filiativa e, sobretudo, de seu próprio consultório pela dinâmica da transferência. Em outras palavras, autorizar-se de si mesmo e de alguns outros é consequência de uma constante tensão entre a análise pessoal e o trabalho pela causa analítica no espaço público. Essa constelação não é simples; afinal, dar todas as palavras possíveis para no que consiste o psicanalista e uma formação ideal seria cometer o mesmo erro aqui contestado. Não é possível dizer tudo, e, por isso, finalizo.

A preocupação de Lacan com uma possível soberania da IPA conseguiu ser ultrapassada, mas nossa infausta época é determinada por uma correlação de forças claramente desproporcional em diversas instâncias, principalmente econômica. Os conglomerados educacionais dispõem não só de um poder que pode monopolizar o ensino da psicanálise, mas de ditar seus rumos. Esse desequilíbrio de forças das empresas de ensino superior não impede a liberdade de crítica das contradições internas às sociedades psicanalíticas, mas decerto convoca a uma unidade de ação cujo Movimento Articulação tem dado importante contribuição.

Referências bibliográficas

Brasil. (2026, 26 de janeiro). Portaria Seres/MEC nº 3. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF. Recuperado de https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26/01/2026&jornal=515&pagina=33

Dunker, C. [Câmara dos Deputados]. (2025, 18 de setembro). *Formação de psicanalistas – Saúde – 18/09/2025* [Vídeo]. YouTube. Recuperado de www.youtube.com/watch?v=89G6Y7bJWFc

Higgins, R. (1968, 16 de março). Jacques Lacan commente la naissance de « Scilicet ». *Le Monde*. Recuperado de https://www.lemonde.fr/archives/article/1968/03/16/jacques-iacan-commente-la-naissance-de-scilicet_2506528_1819218.html

Lacan, J. (1968). Introduction de *Scilicet* au titre de la revue de l'École freudienne de Paris. *Scilicet*, *1*, 3-13.

Lacan, J. (2003). Introdução de *Scilicet* no título da revista da Escola Freudiana de Paris. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968)

Pires, R. da C. (2006). *A presença de Nicolas Bourbaki na Universidade de São Paulo*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação Matemática. Pontífica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Brasil. Recuperado de https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/11211

Porge, E. (1998). *Os nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Reis, C. (2025, 28 de abril). Graduações experimentais duplicam com ensino à distância. *Folha de S.Paulo*. Recuperado de www1.folha.uol.com.br/o-melhor-de-sao-paulo/2025/04/graduacoes-experimentais-duplicam-com-ensino-a-distancia.shtml.

Soares, G., & Quadros, V. (2018). Movimento Articulação: pensando a ética complexa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *52*(4), 193-208. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000400015&lng=pt&tlng=pt.

Uninter (s.d.). *Bacharelado em psicanálise*. Recuperado de www.uninter.com/graduacao/a-distancia/bacharelado-em-psicanalise

Ximenes, D. [Câmara dos Deputados]. (2025, 28 de setembro). *Formação de psicanalistas – Saúde – 18/09/2025* [Vídeo]. YouTube. Recuperado de www.youtube.com/watch?v=89G6Y7bJWFc

Recebido: 02/01/2026

Aprovado: 08/06/2026